

A ESCOLA AINDA É “QUADRADA”

THE SCHOOL ENCORE IS “QUADRATE”

Sibely Oliveira Silva¹

RESUMO

Este texto apresenta reflexão sobre a temática da relação “conflituosa” entre letramento e internet, a qual persiste ainda nos dias de hoje, ao pensar as práticas de ensino de leitura e escrita na escola de Educação Básica. A discussão é tecida tomando-se o aporte teórico das contribuições de Cassany (2012, 2015), Bailly (2010), Kleiman (1995) e Street (2014). Dentre os aspectos abordados sobre a temática, destaca-se a ideia de que a escola ainda educa com vozes e métodos antigos em tempos modernos.

Palavras-chave: Letramento. Internet. Escola.

ABSTRACT

This text reflects on the theme of the "conflictual" relationship between literacy and the internet, which still persists today, when it is thought about the teaching of the practices of reading and writing in the school of Basic Education. The discussion is woven taking the theoretical support of the contributions of Cassany (2012, 2015), Bailly (2010), Kleiman (1995) and Street (2014). Among the aspects boarded about the theme, highlights the idea that the school still educates with old voices and methods in modern times.

Keywords: Literacy. Internet. School.

O século é XXI, mas as práticas de ensino de leitura e escrita comumente adotadas na escola parecem pouco ter acompanhado a evolução dos tempos.

Não é novidade que, com o advento das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), o mundo passou a ser significado de forma diferente, especialmente pelo viés da internet – hoje, recurso indispensável nas multifacetadas práticas sociais.

Adolescentes, adultos, idosos, crianças de todas as idades e classes sociais estão imersos nessas tecnologias e delas se valem para inúmeros objetivos, nos muitos papéis sociais assumidos em suas práticas cotidianas.

¹ Doutoranda em Língua Portuguesa e Linguística- PUC Minas. sibelyolliver@gmail.com

Embora aparentemente contraditórias, duas perguntas parecem ser cruciais nesse contexto: que lugar efetivamente os recursos tecnológicos e a própria internet ocupam na escola? As práticas de letramento que, nesse ambiente, são estimuladas têm considerado as potencialidades desses recursos?

Em um mundo ditado pelo dinamismo e pela velocidade da internet, a escola parece à parte de tal realidade, nocauteada pelo tradicionalismo, ou seja, ainda a meu ver, com passos lentos quando o assunto é tecnologia. Ora, como não lembrar aqui dos avisos de proibição do uso de celulares estampados em algumas instituições escolares?

Creio não ser negligente ao dizer que a internet parece ter entrado na escola pela porta dos fundos. Quem não se lembra das fortes críticas que já povoaram os discursos de boa parte dos professores em relação ao internetês? Alguns desses discursos, inclusive, ainda hoje, de vez em quando são (re) vozeados, aqui e acolá, para se dizer que os alunos não sabem escrever - quando o melhor seria se a situação fosse pauta para proposições didáticas.

Não é preciso fazer grande esforço para presumir a relação conflituosa que persiste, ainda na atualidade, entre tecnologia e as práticas de ensino de leitura e escrita nessas escolas.

Sim, conflituosa. De um lado, têm-se professores que não dispõem dos conhecimentos e das competências necessários para utilizarem a ferramenta virtual em favor das práticas de ensino-aprendizagem; de outro, parece haver um hiato entre o discurso dos órgãos governamentais - de que tais ferramentas devem ser parte integrante das práticas do contexto da sala de aula -, quando ainda há uma ampla lacuna de investimento na capacitação de tais profissionais voltada ao uso dos recursos tecnológicos na e para sala de aula, e, na outra direção, estão os alunos (vitaminados) à frente de boa parte dos professores, quando o assunto é tecnologia.

Enquanto isso, o discurso que de se têm notícias é de que os alunos não prestam atenção nas aulas, de que eles não leem e muito mal escrevem, de que os professores precisam competir com os telefones celulares, em suas aulas, dentre outras queixas de semelhante teor. Além disso, nos laboratórios de informática de expressiva parte das escolas, particularmente das escolas públicas, não raro há um cemitério de computadores enterrados, porque não se tem acesso à rede, porque o quantitativo não atende à demanda de uma turma, porque o espaço que aloca os computadores não está adequado para funcionamento, porque os alunos, quando lá se encontram, causam indisciplina, enfim, parece urgente repensar a temática na agenda de discussão sobre o ensino.

Alinhando-me à concepção de letramento que valoriza os usos e funções sociais da leitura e da escrita (KLEIMAN,1995), considero importante pensar na relação existente entre letramento e internet, sobretudo em tempos da era digital e tendo em conta os sujeitos que a escola frequentam, isto é, os mesmos sujeitos que, no mundo fora da escola, leem muito uma variedade de textos de diferentes gêneros nas redes sociais, escrevem muito, se posicionam criticamente, são militantes de determinadas frentes, são sujeitos que dominam as práticas discursivas da esfera e lidam com a tecnologia com naturalidade.

Em vista de tal perspectiva, Cassany (2012) problematiza as práticas de ensino da escola que, segundo o autor, não levam efetivamente em consideração o seu perfil de alunos e tampouco seus anseios (sujeitos conectados com o mundo virtual, aliás, nativos digitais, como ele considera), razão que, a seu ver, pode justificar a pouca motivação dos alunos para com as práticas de leitura e escrita, já que não haveria, por parte desses estudantes, um reconhecimento, noutros termos, uma significação de tais práticas, na relação escola *versus* vida.

Para o autor, há uma necessidade de que a escola construa espaços de contato entre estes dois mundos - o mundo das redes digitais e das práticas escolares, sem perder de vista que a leitura e a escrita não são uma prática exclusiva da escola. Aliás, endosso com Cassany (2015) que nunca se leu e escreveu tanto quanto nos últimos tempos.

Ora, se se admite que o letramento está associado ao valor que os sujeitos reputam às práticas de leitura e escrita, a questões de identidade e de poder (STREET, 2014), como apartar do contexto da escola a internet e outros recursos tecnológicos fortemente ligados à rotina/vivência dos estudantes? A exemplo do que nos diz Cassany (2012), a internet preserva, multiplica e redefine as práticas vernaculares e pode potencializar a aprendizagem dos estudantes.

Nessa direção, podemos pensar, tal como defende o mesmo autor (2015), que há uma forçosa necessidade de que a escola (re) signifique suas práticas de ensino, tendo em vista as potencialidades da tecnologia, especialmente da internet.

Um exemplo, na esteira desse pensamento, é o que o próprio autor discute em seu texto (2015), ao mencionar a performance de alguns alunos que se dedicam à produção de fanfics em contexto exterior à escola, por meio das quais se posicionam criticamente, constroem narrativas a partir da leitura de obras, fazem releituras e desenvolvem variadas práticas letradas, enquanto nos eventos e práticas de letramento da escola não são tão bem-sucedidos.

Outro ponto interessante levantado por esse autor (2015) é a natureza das práticas letradas exigidas nos textos digitais que, na sua visão, coadunada com o pensamento de (LEU; COIRO; CASTEK-HARTMAN; HENRY; REINKIG, 2008; WARSCHAUER, 2000), a leitura na internet acentua a necessidade e a importância da adoção de uma forma mais ativa e crítica, uma vez que o aluno é convocado a buscar uma gama de informações, selecionar, avaliar - ações que estão ligadas a práticas de letramento importantes para sua formação como sujeito crítico, na e fora da escola.

Opinião semelhante demonstra Bailly (2010) ao destacar que a utilização de novas tecnologias para comunicar e aprender requer a compreensão de novas práticas discursivas inerentes ao ambiente digital e, para além disso, os sujeitos devem ser capazes de usar essas práticas para a construção de novos conhecimentos. Nessa perspectiva, a autora chama a atenção para o papel importante que o professor deve ocupar em tal processo, conferindo a ele a responsabilidade pela concepção de tarefas de aprendizagem nesse novo meio.

Ainda sobre o assunto, Bailly (2010) ressalta que tal responsabilidade requer um conhecimento consistente das implicações pedagógicas associadas a essas tarefas, bem como das competências que os alunos precisam para se adaptar às constantes mudanças nos modos de comunicação.

Posição que, a meu ver, põe em relevo o nó que precisa ser desatado, nas escolas, já que, como antecipado, grande parte dos professores da Educação Básica não contam com a formação necessária ao uso eficaz dos recursos tecnológicos para a sala de aula.

A despeito de o discurso parecer oxidado, vale a pena lembrar que a ferramenta em si não é suficiente para o alcance que se deseja. É necessário que haja rupturas de crenças, reposicionamentos identitários, por parte especialmente dos professores, e o investimento na formação desses profissionais para levarem a efeito suas práticas/ações pedagógicas.

Infelizmente, embora se reconheçam alguns avanços quanto à questão, o uso das ferramentas tecnológicas, na escola, comumente é restrito à adoção de recursos como exposição em *powerpoint*, ou projetores, por parte de alguns professores, que transpõem suas aulas do livro didático para essas ferramentas. Quero com isso dizer que o uso de tais recursos na e para a formação de leitores e escritores parece não ser uma realidade do contexto da sala de aula, do Brasil.

Em realidade, ainda se educa com vozes e métodos antigos em tempos modernos!

REFERÊNCIAS

BAILLY, Sophie. Supporting Autonomy Development in Online Learning Environments: What Knowledge and Skills do Teachers Need? In: LUZÓN, María José Luzón; RUIZ-MADRID, María Noelia. *Digital genres, new literacies and autonomy in language learning*. 2010.

CASSANY, Daniel. Las ortografías en Internet: exploración, datos y reflexiones, en Montoro del Arco, Esteban T. ed. *Estudios sobre ortografía del español*, Lugo: Axax. 2015.

CASSANY, Daniel; HÉRNANDEZ, Denize. Internet: Escuela. *Revista de Investigación Educativa* 14. 2012.

KLEIMAN, A.B. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas (SP): Mercado de Letras, 1995.

STREET, B. *Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad. Marcos Bagno, São Paulo: Parábola Editorial. 2014.

VALERO, María José, VÁZQUEZ, Boris; CASSANY, Daniel. Desenredando la web: la lectura crítica de los aprendices de lenguas extranjeras en entornos digitales. *Ocnos Revista de Estudios sobre lectura*. Universitat Pompeu Fabra. 2015.